

# MUNDARÉU

## MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

### Terceira Temporada Episódio 20 - Misoginia

**Transcrição do episódio:** Adriana Silvestrini Santos, Anita Ferrari, Bianca Lino,  
Cindy Lauren, Fernanda Andrade

**Revisão da transcrição:** Anita Ferrari, Bianca Lino, Daniela Manica

#### Legenda:

**Blocos**

**Sonoplastia**

#### **ABERTURA**

**Música de abertura:** "Ode ao Bozo", Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Os instrumentos dão uma rápida pausa, para a primeira frase cantada da estrofe e, em seguida, acompanham a voz feminina num balanço de rock e ska. A guitarra faz o contratempo com a voz. Ao final da estrofe, a voz e os instrumentos cessam logo após um último acorde da guitarra.

"Esse cara é retrocesso

Ele não sabe de nada

Governa por decreto

## Ainda banca de esperto e defende gente armada”

**Daniela Manica:** Você sabe quantas mulheres são atualmente prefeitas no Estado onde você mora? Quantas governadoras existem no Brasil? E vereadoras, deputadas, senadoras? Até hoje tivemos apenas uma presidenta - que apesar de reeleita, acabou sofrendo um golpe parlamentar no meio do seu segundo mandato.

Não é preciso um grande esforço para reconhecer que, no Brasil, as mulheres seguem sendo uma minoria em cargos de representação política. Mas por que será que o poder é tão refratário a mulheres? O que acontece com mulheres, trans e cis, negras, indígenas e brancas, quando são eleitas? Como essas pessoas são retratadas pelos meios de comunicação?

Vamos conversar sobre misoginia e mulheres na política com Elisabeth Lima, Bebeth, professora de Antropologia na Universidade Federal de Campina Grande, e Glória Rabay, jornalista e professora na Universidade Federal da Paraíba. Eu sou Daniela Manica, da Universidade Estadual de Campinas, e produzo o Mundaréu junto com minha colega Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília. **Esse episódio foi gravado à distância, em abril de 2022.**

### **PARTE 1: “Eu não sou um jarro para enfeitar a mesa!”**

**Soraya Fleischer:** Então queria começar dando boa tarde para a Glória e a Elizabeth. Eu acho que vai ser a primeira vez viu, Dani que teremos no Mundaréu uma antropóloga, uma cientista social, pesquisando, por exemplo, materiais midiáticos né, revistas de alta circulação, por exemplo, né, jornais e revistas e tal. Eu queria ouvir um pouco da Bebeth, que metodologia é essa, e como isso é apropriado pela antropologia. Glória, que é uma profissional da comunicação né, é queria ouvir como que ela vê, né, a antropologia usando esses veículos porquê na comunicação é muito comum fazer análise de revistas e jornais. O que na opinião de Glória, por exemplo, as ciências sociais trazem de diferente do uso desses materiais empíricos.

**Glória Rabay:** Eu quero dizer que o jornalismo, para o bem e para o mal, ele está muito interessado nas histórias das pessoas.

**Soraya:** Essa é a Glória, jornalista.

**Glória:** Agora com o computador, com os bancos de dados, o jornalismo tem se utilizado mais e mal dos grandes bancos de dados e produzido matérias sem gente, matérias que não têm pessoas, né, só com números. Mas historicamente o jornalismo gosta de pessoas, gosta da história, gosta do caso porque a identificação do ouvinte, do espectador com o outro humano gera no caso atual likes ou gera audiência ou gera vendas de jornais, no tempo de jornal impresso, que agora praticamente a gente pode dizer “no tempo do jornal impresso” porque está se acabando. Porque de certa forma o jornalista, o pesquisador jornalista, ele sempre olhou para antropologia como a possibilidade metodológica para enriquecer a grande reportagem. Estou falando do jornalista pesquisador que está interessado em grandes reportagens, em livros-reportagens.

Utilizando-se inclusive dos instrumentos, das narrativas, dos discursos, né. Dou aula no programa de pós graduação de Jornalismo e são diversos estudantes. Muitas vezes jornalistas que nunca tiveram aula de etnografia, não sabe muito o que é e aí a gente tem de dizer: menos, menos, menos, vamos por aqui, vamos ler um pouquinho. Então eu acho que é uma aproximação muito importante, muito interessante.

E quando uma pessoa como a Bebeth faz uso do que é produzido pela mídia para estudar do ponto de vista da antropologia, os jornalistas ainda se sentem mais reforçados a ver essas afinidades com os instrumentos da antropologia, né, então, ver que é possível e ver também do outro lado, né, que o que eles estão produzindo gera reflexões neste campo. E é interessante porque se algum tempo atrás a historiografia olhava para o jornal como documento, um documento fidedigno, eu acho que novos olhares sobre esses documentos, e aí eu penso a antropologia como um desses novos olhares sobre esses documentos, mostra esse documento, não como um documento que represente uma verdade ou uma fidelidade aos fatos, mas contextualizado na política, na cultura, no modo de dizer, né.

**Bebeth:** Eu lembro que quando eu comecei a pesquisar exatamente esses materiais midiáticos...

**Daniela:** Essa é a Bebeth.

**Bebeth:** ... jornais, revistas, meus colegas, meus pares aqui da antropologia estranharam muito né, disseram qual o nosso *metier*? é etnografia, é o campo, né? É ir de encontro ao campo, é o contato face a face com o informante né? com pessoas vivas como diz Malinowski, com seres vivos, e de repente você se vê né com documentos em que você vai tentar dar a eles um traçado, um tratado metodológico do ponto de vista da antropologia, para mim foi um desafio, e muitos dos meus colegas desconfiaram sobre isso né? Acharam que eu estava sendo agora menos antropóloga e entrando em outra seara que não era a minha... Mas enfim... Eu fiquei muito muito absorvida por esse tipo de material exatamente pela riqueza narrativa que eles poderiam ter né e essa riqueza narrativa hegemônica extremamente é dirigida, né? manipulada passível de manipulação que os meios de comunicação têm principalmente em momentos cruciais de disputas políticas no Brasil, isso pra mim foi uma chave muito importante para a Antropologia buscar entender né? eu tentava fazer um pouco aquele exercício de Geertz: tentar entender o significado.

Porque na verdade a gente vai observar a mídia, ela tenta construir uma determinada narrativa a partir de determinados interesses, e quando se trata da política aí sim que isso ganha ênfase maior né? Que ela vem com toda uma tentativa de formar opinião, de oferecer uma determinada forma de pensar a política e viver a política a partir de um determinado viés... né, o que significa mídia? O seu poder, né? Para relativizar e eu entender o que na verdade o que nós temos né a partir de todos esses discursos são disputas... São narrativas que disputam entre si para ver quem é que ganha dentro né, aí eu me lembro de Gramsci, da questão da hegemonia. Quem é que vai ganhar essa hegemonia do discurso?

### **Transição musical**

**Daniela:** Elizabeth, eu queria pedir pra você falar como foram suas pesquisas sobre a cobertura da mídia sobre a presidenta Dilma e sobre misoginia na política.

**Bebeth:** Já estamos aí há alguns anos da saída da presidenta Dilma do poder, né? Em um movimento que eu classifico como um golpe, um golpe parlamentar... Um golpe misógino, um golpe jurídico, e um golpe midiático, né? E tento, já há alguns anos, perceber esse processo, não é? O que tornou possível esse processo, que uma presidenta legitimamente eleita fosse deposta, né? De seu cargo da forma como foi. Então minhas pesquisas ao longo desses anos têm demonstrado, colegas, uma questão muito, muito concreta que já foi também já várias vezes dita por outros estudos, por outros estudiosos, não é? que é a certeza de que a presidenta Dilma, ela foi vítima de violência política de gênero. Foi alvo de atitudes, de ações misóginas, em diferentes esferas... E em diferentes campos. Do ponto de vista dos discursos políticos, principalmente midiáticos né, eu não tenho dúvida que as revistas semanais brasileiras, principalmente aquelas de grande repercussão, né? tipo Veja, Isto é, Época... elas partem de uma tentativa muito concreta de fazer prevalecer um certo viés partidário e ideológico de direita, né, e por ter esse viés eles vão transmitir, construir narrativas, construir imagens que venham ou a depreciar, ou a construir determinada figuras públicas, tá? E a presidenta Dilma, raramente ela foi matéria onde se mostrava algo bom de seu governo... Não! Sempre a crítica ao seu comando como gestora, sempre críticas à sua política econômica... E infelizmente essas críticas elas não vinham em separado apenas para pensar a ação de um determinado agente público, mas não, eram críticas aliadas à questão de gênero, né? Ela era criticada por ser mulher. Obviamente erros, é, mal entendidos, encaminhamentos econômicos da política econômica certamente aconteceram problemas, como acontecem em qualquer governo, mas se a gente for observar diante dos outros políticos, dos outros presidentes, isso nunca foi identificado pelo fato de ser um homem presidente, **mas com Dilma sempre era identificada por ser uma mulher né, gestando a economia a política no Brasil, a administração do Brasil... Então, assim, a misoginia, que é o ódio, não é? o ódio ao feminino, esse ódio ele atravessou... Dilma em toda a sua aparição pública nesses quase 14 anos e meio de governo... Infelizmente... Ela...desde o momento, em 2010 quando ela se candidata, ela já é aliada né, identificada como um "poste" do ex-presidente Lula, ou seja como alguém que não tem comando, que não sabe administrar, que não sabe andar sem olhar a presença, a força do masculino.** O que se disse à época né é que ela seria uma continuidade, apenas alguém que estaria governando sem governar, que quem governaria na verdade seria o presidente,

isso é desclassificar inclusive a figura de uma pessoa política extremamente interessante - Dilma tem uma experiência política, e de atuação política desde a época em que ela vai né lutar pela democracia, pelo retorno à democracia no Brasil, passa dois anos e 6 meses presa, sendo torturada todos os dias, então já jovem aos 19/20 anos ela se inicia na luta armada, na luta de resistência à ditadura civil militar no Brasil, mas isso quando visto e apresentado pela mídia era apresentado de forma a desconstruí-la né? Ela é apresentada como uma terrorista, alguém que pegou em armas para matar, e nunca como alguém que estava defendendo algo que nos é tão caro até hoje, que é a luta pela democracia. E ela fez isso! Ela ajudou a criar um partido, o PDT no Rio Grande do Sul. Ela entrou no PT também como uma importante militante e nunca isso foi dito, além de ter sido ministra né, será que isso não é experiência política? Então acho assim que nenhuma das figuras públicas do Brasil femininas, da história recente, foi tão massacrada, tão achincalhada, tão desrespeitada quanto foi a presidenta Dilma, né? Então é por isso que eu dedico tantos estudos a ela... (risada)

**Glória:** A Bebeth estava falando e eu me lembrei de um recorte de jornal, que eu analisei na campanha de Dilma de 2010, antes dela ser odiada pela grande mídia. Mas mesmo assim eu diria que ela sempre foi odiada porque nesta matéria especificamente que estou me referindo publicada em um antigo jornal aqui da Paraíba, chamado Correio da Paraíba, eles publicaram a foto de alguns meses antes quando a Dilma estava fazendo um tratamento de câncer. E a matéria era sobre o uso do photoshop por políticos. E eles pegam a Dilma numa atitude, que eu diria desonesta, eles pegam a Dilma em tratamento para o câncer, de peruca, com o rosto inchado e pega a foto da Dilma belíssima para campanha presidencial. Sem dizer que se passaram dois anos, que ela se tratou e que certamente ela se maquiou, e que... mas só para dizer que Dilma era aquela pessoa da época do câncer e que o photoshop teria transformado ela naquela outra pessoa da campanha presidencial.

**Bebeth:** essa questão da desigualdade de gênero né, ela antecede e muito a questão política... São em momentos de conflito, de disputas pelo poder, de disputas pelo mundo do mercado de trabalho né de disputas entre os gêneros que exatamente eclodem esses tipos de ações, de atitudes machistas, misóginas, sexistas... Então eu creio que certamente as mulheres só vão conseguir adentrar no

espaço da política e de serem respeitadas como pessoas onde legitimamente devem e podem exercer seus cargos... Porque foram eleitas pelo voto popular, elas só poderão de fato exercer de fato com tranquilidade seus mandatos - seja no parlamento ou no executivo - quando a sociedade brasileira passar por todo um processo cultural onde a mulher seja vista de modo equânime ao homem, onde não existam mais tantas diferenças de gênero.

O homem é estimulado à política desde sempre... A mulher não. Eu e Glória fizemos pesquisas aqui na Paraíba e eu tenho por exemplo discurso da hoje senadora Daniela Ribeiro - ela já foi deputada estadual... vereadora, e hoje ela é senadora da república. Ela me disse que se fosse pelo gosto da família dela, da família Ribeiro ela não seria nunca colocada no mundo da política, porque preferencialmente o pai dela, o Enivaldo, preferia que fossem os homens... E de fato quem veio primeiro? O Agnaldo Ribeiro... Que hoje é deputado federal, foi ministro das cidades no governo Dilma... Que inclusive ele votou pelo impeachment, é um golpista... Aproveito para dizer isso, né? É um golpista... Então, a família Ribeiro não queria que a Daniela fosse mulher política. Aí veio a Daniela, aí ela disse "Pronto, agora chegou a minha vez!" Porque ela mesma disse que nutria internamente esse desejo de ingressar na política porque foi na prática e na vida política que era o tempo inteiro trabalhou, mas ela só entrou por quê? Porque não tinha mais outro... Outra figura masculina que exercesse esse papel, tá? Então até nesses momentos do dia a dia né, a gente vai observando que as mulheres têm uma dificuldade imensa para se colocarem como candidatas, para disputarem, e para serem eleitas... Olha a dificuldade!

**Glória:** Acho que tem uma coisa muito interessante, pegando um gancho desta questão que a Bebeth coloca, a partir do caso da Daniele. Que é, primeiro: as mulheres para entrar no mundo da política, embora essas mulheres como Daniele, que pertencem a uma grande família tradicionalmente e historicamente situada, muito bem situada na política, como ela, ao mesmo tempo tem de enfrentar os obstáculos familiares, e outros obstáculos para adentrar no mundo da política, ainda assim, elas são sempre apontadas como mulheres que tiveram "facilidades" porque herdaram o poder político de parentes. Então, assim, sim, ela herdou o poder político de parentes, ela é o que se chama uma herdeira de uma grande

família tradicional, mas isso não tira dela a resistência à família patriarcal. Porque a dela é também uma família patriarcal.

**Bebeth:** Daniela, ela é uma figura né, Glória?, contraditória... Que ao mesmo tempo em que ela busca essa singularidade do feminino, é a mulher materna, evangélica, é a mulher fiel a Deus... Ela se coloca como uma mulher também combativa, que luta contra o machismo, etc. Mas é ambígua essa figura... Porque na verdade grande parte do seu eleitorado e de seus discursos são voltados pra aquela visão mais tradicional da sociedade, do ser mulher, da mulher que está abaixo do homem. Mas aí em outros momentos de disputas ela vai "não temos que lutar! eu quero ser respeitada, como uma mulher política!"... Na época em que ela era vereadora, tem outra historinha para contar a vocês, em que ela era vereadora em Campina Grande, ela disse que em certo momento ela foi convidada para formar mesa de pessoas que iam coordenar uma determinada atividade na câmara... O então presidente, né? a chamou "vamos chamar a vereadora Daniela Ribeiro para enfeitar a mesa..." Aí ela imediatamente tomou a palavra e disse "eu não sou um jarro para enfeitar a mesa! Eu quero ser aqui ouvida e atendida, e respeitada como a parlamentar que eu sou!".

**Glória:** A Bertha Lutz quando ela vai fazer o discurso em defesa dos votos das mulheres, ela precisa garantir de que as mulheres continuarão sendo as noivas dedicadas, as mães abnegadas.

**Bianca:** Em seu discurso de posse na Câmara dos Deputados, no dia 28 de julho de 1936, Bertha Lutz disse:

"O lar é a base da sociedade, e a mulher estará sempre integrada ao lar; mas o lar não cabe mais no espaço de quatro muros - lar também é a escola, a fábrica, a oficina. Lar, Sr. Presidente, é acima de tudo, o parlamento, onde se votam as leis que regem a família e a sociedade humana."

**Glória:** A mulher, para entrar na política, ela precisa garantir aos outros que ela continua sendo uma mãe boa e uma esposa leal. Então, essa é a contradição. Mas por que que elas fazem isso? Porque elas sabem que esse discurso ganha voto. Aqui na Paraíba tem uma deputada estadual, negra e lésbica, que é a Estela Isabel, que foi extremamente atacada porque ela não era mãe e não era esposa. As mulheres



na política precisam garantir que elas continuarão sendo fêmeas, femininas, amáveis. Então esse é o discurso o tempo inteiro. E muitas das mulheres que eu entrevistei durante a pesquisa das prefeitas e das deputadas estaduais, foram mais de 30 mulheres, elas diziam: “meu medo da política é ser atacada na minha honra de mulher”. O que é a honra da mulher? Elas dizem, elas respondem: “é ser chamada de sapatão, de traidora, de chifruda, de prostituta”, ou seja, porque essa violência de cunho sexual que tenta mexer na vida íntima dessa mulher é muito utilizada na política. Então, uma mulher que não precisa ser caluniada porque ela é e assume que é lésbica, por exemplo, ela tem muito, muito a enfrentar de violência no mundo da política. Então é um jogo, né. Ao mesmo tempo que essas mulheres reivindicam ser feministas, ser modernas, quebrar os estereótipos, quebrar arquétipos, ao mesmo tempo, elas utilizam o discurso de que eu sou uma mãe abnegada, portanto eu sou “digna” de seu voto, né. É o último reduto é quebrar com o binarismo de gênero, é quebrar com a ideia da mulher que tem de ser mãe para poder ser confiável, né. Isso é uma coisa muito presente. Estou falando muito da Paraíba, porque eu pesquisei a Paraíba, deputada estadual e prefeita, mas pelo que tenho lido isso é um recorrente em várias instâncias e não só na Paraíba para não estar reforçando um arquétipo de um Estado atrasado, **mas eu tenho visto relatos semelhantes de pessoas que estudam mulheres em São Paulo, Brasília, a Dilma né, que não é do interior da Paraíba né, e nem exercia um cargo lá no finzinho do mundo na Paraíba...**

**Bebeth:** Mulheres jovens, negras, lgbtqi+, mulheres representando movimento indígena, essas mulheres elas ganham, né, não só notoriedade, mas pela própria experiência em movimentos sociais, em movimentos feministas, uma **experiência vivida, muito aguerrida,** elas têm conseguido ter visibilidade... E tem conseguido algumas delas saírem vitoriosas.... Mas não será diferente com elas também... Elas serão alvo, e talvez até privilegiado né? Por trazerem bandeiras de lutas específicas - alvos privilegiados dessa política sexista... Agora elas são fortes, são mulheres que vão aguentar né? Têm a força, a vontade e o desejo, né, maiores do que essa repulsa horrível né, degradante da dominação masculina, do machismo imperante no espaço da política.

Tem um exemplo aqui em Campina Grande da primeira mulher negra eleita para câmara de vereadores... Isso é uma coisa maravilhosa! Que é a Jô Oliveira! Tá?

Uma mulher jovem, na segunda campanha eleitoral ela sai vitoriosa, e é a quinta mulher mais votada! eu chego a me arrepiar! Haha. A quinta mulher mais votada para a câmara de vereadores! Então uma mulher muito bem formada, muito consciente politicamente, muito bem preparada politicamente que está tendo uma excelente atuação, junto à câmara de vereadores, que é majoritariamente de direita à posição política dela, e que ela já também passou por situações de muito conflito entre os seus pares porque ela exatamente vai na contramão do que a câmara daqui atualmente defende... Mas é a primeira mulher! De Campina Grande, depois de quase 75 eleições, a primeira negra eleita, para a câmara de vereadores.

**Daniela:** É, isso me lembrou o caso de Marielle, né? Que enfim, também foi vítima não só da violência política de gênero, mas também de uma violência racista, miliciana, enfim, de uma interrupção bem mais radical né, do que, do que as outras mulheres no poder. E eu lembro de ter sentido muito esse baque, né, eu votei tanto na Marielle quanto na Dilma, e me senti muito violentada como cidadã, né, de ter as minhas duas representantes eleitas sendo arrancadas dos seus lugares de poder de formas tão violentas, né? No caso da Marielle, absolutamente inaceitável e um crime que até hoje não foi solucionado, né.

**Bebeth:** É isso que a violência política de gênero tenta. É o que fizeram com Marielle interrompendo o seu espetacular mandato, ela incomodou! Ela incomodou interesses diferenciados, e aí, como ela não conseguiu ser barrada né? desestimulada, disseram "vamos então tirá-la de cena!" né? foi a saída encontrada.

Na sociedade, desde sempre essa separação entre papéis masculinos e papéis femininos, entre atribuições que são "naturalmente" (entre aspas né?) consideradas masculinas, e outras "naturalmente" consideradas femininas geram uma desigualdade. Porque a desigualdade, ela vem do momento em que é oferecido muitas vezes ao homem, ao masculino, experiências e acessos ao espaço público que não são oferecidos às mulheres. Esses papéis sociais no dia a dia, eles vão sendo construídos - as maneiras como o homem e a mulher se colocam na sociedade, eles estimulam ao homem uma maior pertença coletiva, uma maior preparação para o mundo das disputas, e para a mulher não... Se incentiva a fragilidade, a sensibilidade, o cuidar.

## Transição musical

**Bebeth:** O que eu quero chamar a atenção assim é o seguinte, é que esses valores, eles ainda estão presentes na sociedade. Então mesmo que a gente observe que a mulher está lutando - e ainda bem que ela está - lutando por visibilidade, por condições de participar de igual para igual, no mundo do trabalho, no mundo da política, assumir esse discurso mais emergente de luta contra o patriarcado, contra o machismo... Isso não quer dizer que a mulher não sofra tudo isso. Eu acho que o grande paradoxo é esse né Glória? né, colegas? É que mesmo sabendo que a mulher ela conseguiu adentrar em vários espaços que até então eram totalmente proibidos para ela, ela está adentrando, mas ela adentra com muito sofrimento, tem que ter muita luta, tem que muita fibra para conseguir fazer valer né, o seu papel... Eu me lembro recentemente em reunião da minha área, de meus colegas, de meus pares antropólogos, né? Um dos meus colegas, homem, se chateou e bateu na mesa, com um comentário que eu fiz, né? Ele bateu na mesa irritado, aí eu disse "não adianta você bater na mesa, nem vir aqui gritar - primeiro porque eu não sou surda e depois porque não é batendo mesa que a gente vai chegar a lugar nenhum... Vamos conversar, de igual para igual, vamos aqui tentar entrar". Então dentro do próprio ambiente acadêmico, nós sabemos que existe, né, machismo. Então como é que a gente vai quebrar tão rapidamente esses valores? Por isso que é tão importante o ponto de vista da cultura, quando a gente chama a atenção pra essa relação entre cultura, mídia e política - a gente tá aqui tentando dizer que nenhuma dessas esferas consegue explicar tudo por si só. É preciso buscar essa intercessão.

**Daniela:** Estou me lembrando aqui o caso de assédio sexual sofrido pela deputada Isa Penna do PSOL, pelo então deputado Fernando Cury, do Cidadania, que apalpou os seios dela durante uma sessão da Assembleia Legislativa de São Paulo, e depois ele foi suspenso, né. E tem também aquele caso do vestido da Ana Paula Silva, que foi tomar posse como deputada estadual em Santa Catarina.

**Bebeth:** É que ela foi tomar posse né com vestido bem... decotado, e aí foi achincalhada publicamente, as pessoas vaiaram, tudo porque acharam ousado demais para uma mulher política.

**Daniela:** Sim

**Bebeth:** Mas a gente nunca ouviu dizer nada sobre a vestimenta de um político... Ele tá sempre muito bem vestido... Aliás, vocês lembram do que fizeram com a pobre da Dilma? Na posse da primeira campanha, da primeira vitória dela em 2010, quem... acabou... né, manchou o ineditismo da primeira mulher presidenta foi a Marcela Temer, com sua beleza estonteante... Então no outro dia só se falava sobre isso nos meios de comunicação... Então, esqueceram de dizer algo que era extremamente importante se vivêssemos de fato numa democracia, que é uma mulher chegar pela primeira vez à presidência... Então falaram mal do vestido dela, da renda... que era mal feito, e que a Marcela por ser aquela mulher lindíssima roubou a cena da posse, né? E na segunda, em 2014, compararam também o vestido dela a um botijão de gás, um botijão de água, né? Saíram muitos memes falando disso.

**Glória:** A Bebeta tá falando e eu estou lembrando, para não ficar só no Nordeste, né, no meu miudinho, que a Marta Suplicy ao ser entrevistada pelo Jô Soares, foi perguntada que cor, se ela estaria de calcinha vermelha. No dia ela pergunta, mas você já perguntou ao Serra se ele estava de cueca vermelha, né? E Jô fica "iii nhem nhem" porque você é sexóloga... Não, é porque ela é mulher. Simples assim. É como o título do livro, *Foi sempre sobre nós*. Então, assim, de São Paulo, a maior cidade do Brasil, ao interior da Paraíba, as mulheres vivem situações semelhantes quando elas ousam participar da política. Um município aqui perto, perto de Campina Grande, Massaranduba, a candidata a prefeita disse que o candidato opositor a ela no carro de som saía dizendo na rua que ela não era boa dona de casa, que ela era uma mulher divorciada, que não cuidava bem dos filhos, ou seja, os pré-requisitos de uma boa esposa e mãe servem para a política. Quando essa mulher não atende a isso, ela é desgastada, ela é caluniada no campo da política. Porque é isso, parece que não, mas são homens querendo garantir o seu espaço, sem querer compartilhar nem os 30% que nós tanto almejamos, né. Porque é um espaço de grandes privilégios, né. E é lógico que não estou te iludindo que esse espaço é de mulheres poderosas. Infelizmente, é, aqui na Paraíba a gente tem, por exemplo, Cida Ramos, que é uma mulher de esquerda, portadora de deficiência. Estela Isabel, assumidamente lésbica e negra. A Jô de Campina Grande, uma mulher negra e jovem. Mas a maioria das mulheres, assim como a maioria dos homens, são

pessoas com alianças com os grupos mais, é..., poderosos. Então, a gente não pode ter muita ilusão de que essas poucas mulheres vão fazer uma grande diferença. Assim, uma diferença transformadora. Vão fazer sim uma grande diferença, mas não é uma diferença transformadora porque o campo político, ele é apegado, né, e como é ele que faz as próprias regras, eles faz as regras para se manter e não para cair.

### **Transição musical**

## **PARTE 2: "No cotidiano da política as mulheres têm que realmente tocar um dobrado"**

**Daniela:** Glória, você pode falar um pouco mais sobre a pesquisa que você fez com as prefeitas e deputadas estaduais?

**Glória:** As prefeitas é de 2012 a 16 e as deputadas estaduais foram em 2010. Então já é uma pesquisa... né, embora as mulheres permaneçam as mesmas praticamente no lugar que elas estavam. Então as duas, eu penso muito na questão da estrutura familiar. De como a estrutura familiar tem ajudado essas mulheres. E no campo da Prefeitura é muito interessante assim, porque muitas dessas mulheres, elas são eleitas no rastro, na sombra ou na vacância deixada pelo marido. Então, primeiro eu quero dizer que essa é uma prática da política ocidental, pelo menos, desde os Clinton, os Bush, até os rincões da Paraíba. A política é um espaço que se constrói para deixar para os seus, né? Filhos, esposas, irmãos, com honrosas exceções. Então, esse homem se afasta geralmente para assumir um cargo na Assembleia Legislativa, no Senado. E pra não deixar a Prefeitura na mão de um opositor, ele ajuda a eleger essa mulher. A mulher quando se elege e vai assumir esse executivo, uma delas me disse assim: "quando meu marido era prefeito, eu fazia visita, eu distribuía cesta, eu cuidava dos indigentes, eu recebia as pessoas, eu ia pra festa, pra casamento, pra missa. Agora que eu sou prefeita, quem faz isso pra mim? Porque eu não tenho tempo pra fazer isso. A coisa que eu mais queria era ter uma primeira-dama". Então, isso é assim, isso mostra o poder que essa mulher tem na política local que não é reconhecido institucionalmente. Porque é ela que conquista esse espaço. Não estou questionando a qualidade desta conquista, que muitas vezes é com ações populistas. Mas ela faz um papel que não é reconhecido. Agora eu acho que começam a reconhecer pela ciência política, por exemplo. Mas

não era reconhecido esse papel de esteio, sabe? do miúdo, de ir para missa, ir para igreja, de ir pro aniversário. Uma agenda social extensa! E quando ela assume, depois de muita luta, de muito conquistar dentro da própria família, de esperar os filhos crescerem, ela diz: "e agora, quem vai ser a primeira-dama? Eu queria ter uma primeira-dama". Então, isso é a vida das mulheres na política. Ela tem de vencer o miúdo para chegar mais adiante, né. Então, no cotidiano da política as mulheres têm que realmente tocar um dobrado e lutar muito para permanecer.

### **Transição musical**

**Soraya:** Bom, a gente tem um conjuntinho de questões aqui para o final, que são assim: tanto o que vocês esperam das eleições de 2002 né, é o que vocês já estão vendo em termos de violência de política de gênero nessas eleições, se vocês puderem trazer alguns exemplos seria ótimo também e o que vocês gostariam de deixar como um recado, assim, pra pensarmos em transformações sociais né, para poder mudar esse cenário todo.

**Bebeth:** Eu espero sinceramente para esta próxima eleição, né, vamos ter uma eleição bastante conturbada, em todos os sentidos, porque a situação política atual do Brasil não é nada agradável, vivemos sob o espectro do ódio e das polarizações muito fortes, né.

Eu temo muito essa próxima campanha na questão do uso das fake news, né? Notícias falsas, isso venha a criar elementos muito ruins para a própria mulher. Eu acho que as mulheres que forem se candidatar agora elas têm que ter muito cuidado, né? Nesses ambientes virtuais porque de fato a primeira coisa (como Glória afirmou) é desconstruí-las como mulher, né? Tentar de todas a sorte tentar desconstruí-las como mulher... Então eu espero primeira coisa: que a gente tire ~~Bolsonaro~~ do poder, né? Esse governo misógino, né? machista, genocida que nós estamos vivendo... Espero que ele saia imediatamente, e que as mulheres se encorajem (não sei como, não é?) mas que elas se encorajem a se lançar na política, se candidatarem, e que no Brasil acho que a gente precisa falar... tratar disso, o próprio parlamento não está dando seu exemplo. Ora, agora no dia 5 de abril, o Congresso Nacional se reuniu, gente, para perdoar simplesmente os partidos políticos que não cumpriram com a lei de cotas... que não cumpriram com os 5% destinados de dinheiro para as candidaturas femininas... E todos votaram

favoráveis a isso! Então, isso é uma brincadeira! né? isso é uma brincadeira! Não tem sentido uma coisa dessa... Então, cria-se uma lei, a lei não é respeitada, e depois fica por isso mesmo, então veja como é difícil a mulher nessa atual conjuntura, nessa atual situação também tem o congresso nacional majoritariamente conservador e misógino fazer valer os direitos das mulheres políticas... Então, eu espero que essas transformações aconteçam, mas infelizmente eu sou muito pessimista de acreditar que elas venham a acontecer no tempo próximo... Acho que é preciso muita luta ainda das mulheres, muito empoderamento do feminino, muita luta mesmo para a gente conseguir ganhar esses espaços...

**Glória:** Aí, a gente fica dividido quando vai falar das eleições de 22, né. Por um lado, estou muito esperançosa, reservando os espaços na minha agenda pra cair na luta política, para que em 23 a gente possa amanhecer o 2023 com uma outra perspectiva. Então, assim, esse é meu desejo, é minha esperança, é o que me move. Mas ao mesmo tempo, aí eu vou fazer como a Bebeth (risos), ao mesmo tempo, a gente tem um jogo com cartas marcadas. As regras do jogo são feitas por quem estão lá. Quando elas não dão certo, eles se perdoam, como fala Bebeth. Então, a política né, é feito por um grupo de homens brancos, cis, ricos, patrões, poderosos. E essas regras são feitas por eles, para eles e quando as regras não dão certo eles mudam de novo, contanto que eles se mantenham. Então, olhando como uma estudiosa, cientista, eu acho muito difícil a gente ter uma mudança significativa. Mas, ao mesmo tempo, meu coração de ativista, né, me faz esperar, me faz querer, me faz acreditar que é possível fazer pequenas mudanças, pequenas revoluções. Colocar gente do bem, gente empoderada, gente com proposta, que se a gente não fizer uma transformação, que não vai fazer, pelo menos a gente faça as micro transformações, né, com bons projetos, com políticas públicas para amenizar esses sete anos, de 16 pra cá, não foram fáceis. Então, eu vou ficar com esse meu lado ativista, né, para poder esperar, senão eu não aguento.

## **FECHAMENTO**

### **Transição musical**

**Daniela:** Nesse último episódio da temporada, escolhemos falar sobre a misoginia na política. Nunca foi tão evidente que o ódio às mulheres faz parte da nossa

cultura e das nossas práticas políticas cotidianas. Notícias falsas e fotografias das candidatas e representantes eleitas sempre exploram seu corpo, sua sexualidade, sua maternidade. Mulheres negras e trans em cargos parlamentares vivem em constante risco, com ameaças constantes de morte. Lideranças políticas indígenas e quilombolas são assassinadas.

Não é só misoginia, é uma disputa por visões de mundo e partilha de recursos. Mas é misoginia também. É a misoginia que determina muitas das decisões que são tomadas ou legitimadas nesses espaços de poder. Por exemplo, com o impedimento do direito de decidir sobre seu próprio corpo, como na questão do aborto. É também a misoginia, junto com o racismo e as fobias de gênero, que definem todos os dias quem deve viver e quem pode morrer nesse país.

Sim, Glória, esperar é fundamental! Depois de tanta violência nos últimos anos, depois de tantas décadas de ausência de representatividade, e depois de tantos erros que vêm sendo feitos pelos “homens” que ocupam sistematicamente os cargos de poder, precisamos esperar! A democracia precisa ter mais a cara do povo que representa, e a maioria da nossa população é negra, e feminina!

**Música de fechamento: “Ode ao Bozo”, Gatunas. Solo de guitarra, melodia rápida com levada aventureira. Bateria ao fundo. Bem baixinho, a música segue ao fundo da voz de Daniela com voz feminina num balanço de rock e ska. A guitarra faz o contratempo com a voz nas primeiras estrofes e depois se intensifica.**

“Marielle Franco: “A gente tem um senhor que tá defendendo a ditadura e falando alguma coisa contrária, é isso?! Não aturarei um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita”

Se cuida, se cuida, se cuida, seu machista, a América Latina vai ser toda feminista (4x)

A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência ao governo bozo

A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência ao governo bozo



A gente quer autonomia e não ser silenciada

A gente é luta e resistência a governo autoritário”

**Daniela:** Agradecemos demais a Bebeth e Glória por virem conversar conosco. No Mundaréu, agradeço Soraya Fleischer, minha parceira, e as estudantes da UnB e da Unicamp que ajudaram a montar esse episódio, Anita, Bianca, Cindy, Fernanda e Gabriel. Agradecemos à Adriana Silvestrini pela participação especial nesse episódio, colaborando também com o roteiro. E à Bianca Lino pela leitura do discurso da Bertha Lutz. Nossa terceira temporada foi embalada pela música da banda paraibana Gatunas. Agradecemos nosso querido músico Lucas Carrasco pelas composições.

Na página do Mundaréu, vocês vão encontrar os créditos completos desse episódio e materiais extras: [mundareu.labjor.unicamp.br](http://mundareu.labjor.unicamp.br). Sigam nossas redes, estamos no Instagram, Twitter e Facebook.

O Mundaréu é parte da Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de divulgação científica na área da Antropologia. Entra lá pra conhecer: <https://radiokerekere.org/>

Nós fechamos aqui essa terceira temporada, com muita esperança para 2023. Em breve, você acompanha no nosso feed a série Mundo na Sala de Aula 3!

Um abraço pra você, e até lá.